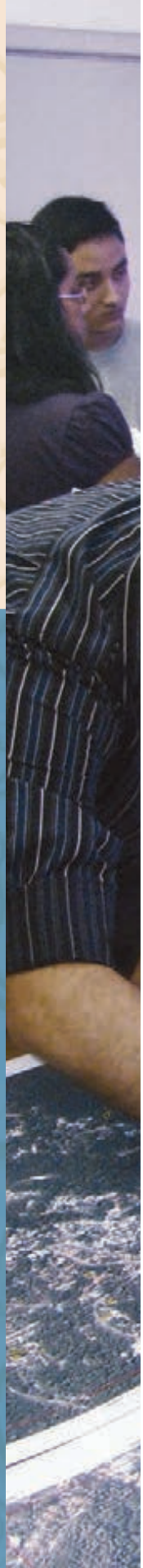


Os profs. Roosevelt Fideles de Souza e Luiza Helena Nunes Ermel, o então vice-reitor de desenvolvimento, pe. Francisco Ivern Simó, S.J. e o aluno Rafael da Silva Nunes, em apresentação do Programa Integrado de Monitoria Remota de Fragmentos Florestais e de Crescimento Urbano no Rio de Janeiro (PIMAR). 2010.
Fotógrafo Paulo Dreyer Marques. Acervo do NIMA.

Março

DOS PROJETOS ACADÊMICOS AOS RESULTADOS SOCIAIS

"O mundo em que vivemos vacila e procura, nas suas incertezas, a fórmula do equilíbrio para amanhã. Não cruzemos os braços ante o espetáculo deste grande sofrimento". Essa foi uma frase dita pelo pe. Leonel Franca, S.J., primeiro reitor das Faculdades Católicas, na abertura do ano letivo de 1942. Era, portanto, o segundo ano de funcionamento da instituição, e já se destacava a sua função social.

De 1942 a 2012, 70 anos se passaram. Muitas coisas mudaram. No entanto, a PUC-Rio conservou esta responsabilidade de manter-se ligada ao mundo que se constrói e reconstrói ao seu redor. A Universidade não possui fronteiras, mas faz parte, de forma orgânica, do mundo no qual se insere. É por meio dessa perspectiva que a PUC se propôs, desde a sua fundação, a atuar na sociedade com a intenção de transformá-la. Desafio constante, a Universidade até hoje se preocupa em sublinhar sua relação com o espaço ao qual pertence.

Os centros e departamentos da PUC-Rio atuam nas mais variadas esferas sociais, não só do Rio de Janeiro, como do Brasil e de outros países. Diariamente, projetos os mais variados são pensados e postos em prática. Desses, existem aqueles ligados à educação, como os projetos de formação continuada de docentes da rede pública; ao meio ambiente, que evidenciam a busca da Universidade pela sustentabilidade; à infraestrutura, por intermédio, por exemplo, da iniciativa de implantar rede elétrica em favelas; e à tecnologia, como os esforços de inclusão social pela democratização do acesso ao mundo digital. Muitos deles atingem proporções maiores do que as esperadas em um primeiro momento, e resultam em cooperações com outras instituições, como escolas, ONGs e esferas governamentais. São projetos que nascem no *campus* universitário e ultrapassam seu espaço.

As paredes erguidas em torno do *campus* mostraram-se porosas. Se elas constituem fronteiras físicas que delimitam um espaço para a Universidade, não a separam da sociedade da qual ela faz parte. Caminhos foram continuamente construídos entre a PUC-Rio e a sociedade, e por eles percorreram não só pessoas, mas ideias e ideais.

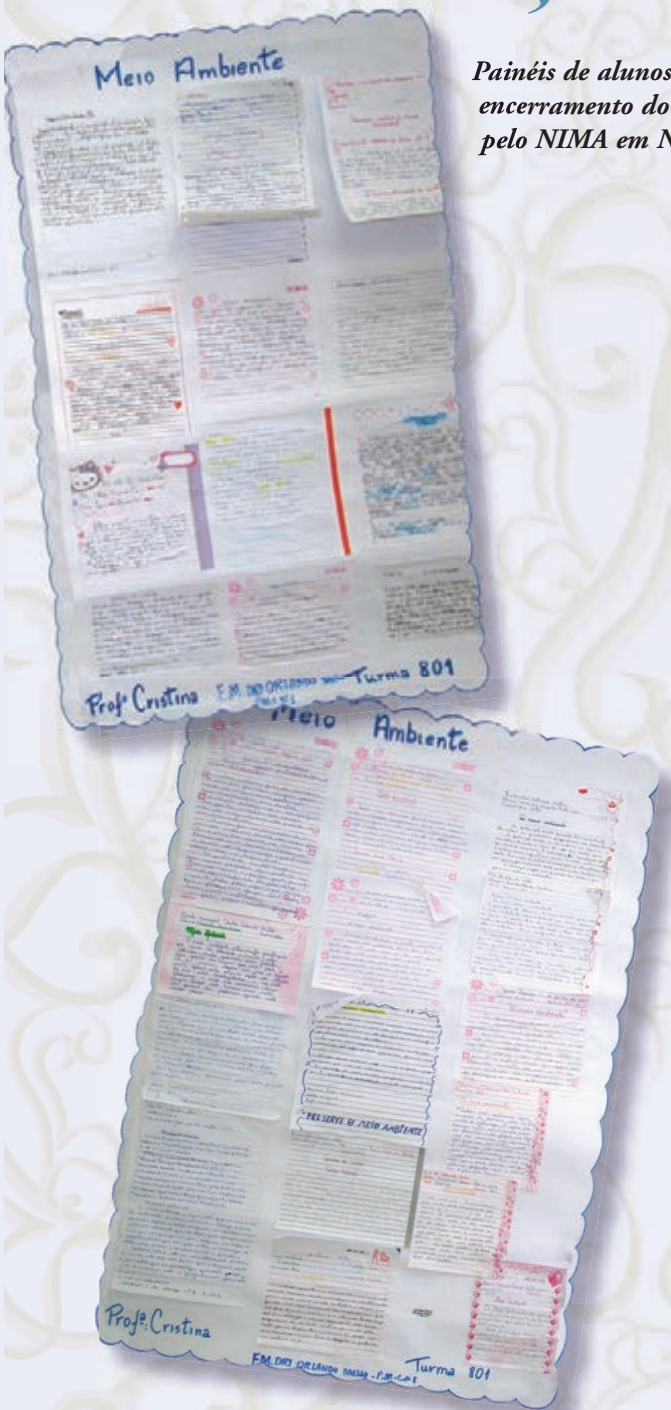
O mundo, ainda repleto de incertezas, segue na busca pela fórmula do equilíbrio para o amanhã. Na PUC-Rio, não se cruzaram os braços. Por meio de suas atividades de pesquisa e de ensino, a Universidade mostra estar no mundo, assim como o mundo está, de alguma maneira, dentro da PUC-Rio.

Juliana Medeiros Cordeiro de Farias
Bolsista VRAC/IC do Núcleo de Memória
da PUC-Rio

Antena de internet sem fio instalada em um poste da rede elétrica da favela Santa Marta, em Botafogo. Projeto Rio Estado Digital desenvolvido em parceria com a PUC-Rio. 2009.
Fotógrafa Ludmila Zorzi. Acervo do Projeto Comunicar.

Cartaz dos cursos preparatórios para as escolas técnicas promovidos pela PUC-Rio. 2010.
Acervo do prof. José Carmelo Braz de Carvalho.

Março



Painéis de alunos da Escola Municipal Dr. Orlando Mello no encerramento do Projeto de Educação Ambiental promovido pelo NIMA em Nova Iguaçu. 2009. *Acervo do NIMA.*

01 Quinta

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

02 Sexta

03 Sábado

04 Domingo

Março

05 Segunda

06 Terça

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

07 Quarta

08 Quinta

Março

09 Sexta

10 Sábado

11 Domingo

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

12 Segunda

13 Terça

Março

14 Quarta

15 Quinta

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

16 Sexta

17 Sábado

18 Domingo

Março

19 Segunda

20 Terça

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

21 Quarta

22 Quinta

Março

23 Sexta

24 Sábado

25 Domingo

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

26 Segunda

27 Terça

Março

28 Quarta

29 Quinta

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

30 Sexta

31 Sábado

Gráfico anexado à monografia Favela: problema administrativo, de Isaura Lengruber Portugal, Escola de Serviço Social da PUC-Rio, 1954. *Acervo DBD.*

MONITORAMENTO

Pesquisa da PUC-Rio mede a contaminação dos peixes na Baía da Guanabara

A pesca em busca do grau de poluição

Uma pesquisa do Departamento de Química da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) está levantando as condições do pescado da Baía de Guanabara. A idéia é saber se tainhas e corvinas, os peixes mais consumidos pela população do entorno da Baía, estão sendo afetados por contaminantes, resultantes de derrames de óleo. A partir dos resultados obtidos, o grupo de estudos pretende realizar ações de educação ambiental e de saúde pública, junto a pescadores, consumidores e comerciantes.

A professora Roberta Lazarenço Zioilli, coordenadora da pesquisa, disse que os resultados finais do monitoramento químico também serão apresentados aos órgãos ambientais para que sejam realizadas as intervenções, que os especialistas julgarem necessárias. Ela explicou que, por intermédio de análises sistemáticas do líquido bilar dos peixes, será possível diagnosticar as condições ambientais das áreas estudadas verificando, inclusive, se existem fontes crônicas de poluição por óleo.

Financiado por recursos da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj), o estudo envolvulve alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em Química da PUC-Rio que participam dos trabalhos de campo e de laboratório. A captura dos peixes é feita com a ajuda de pescadores nas praias do Limão, em Magé, e Ponta Negra, Niterói.

O grupo de estudos levanta informações como condições de Ph das águas, Demanda Biológica de Oxigênio (DBO), dentre outros dados necessários ao diagnóstico ambiental. Depois de medido e pesado, o pescado capturado passa por análises químicas para quantificar possíveis contaminantes.

Embora tenha preferido não entrar em detalhes a pesquisadora informou que dados preliminares já indicaram presença de compostos contaminantes nos peixes coletados em Magé. Roberta Zioilli afirmou que os primeiros resultados deram sinal de poluição ambiental na região estudada, entretanto, ela fez questão de ressaltar que é preciso ampliar a metodologia e confirmar todos os dados obtidos para ter total segurança do diagnóstico.

– Fazemos coletas sazonais, porque cada estação do ano tem características diferentes, com mudanças climáticas, regimes de chuvas distintos, além de outros fatores que podem interferir nos resultados. Por enquanto, achamos que ainda é cedo para fazer afirmativas. Os resultados não são definitivos – observa a pesquisadora.

Roberta informou que os Hidrocarbonetos Policíclicos Aromáticos (HPAs) e seus metabólicos representam a fração mais tóxica e perigosa do petróleo. Eles são conhecidos como uma ameaça à saúde pública e à integridade dos ecossistemas marinhos. Os estudos visam à identificação desses componentes no organismo dos peixes capturados.

O pescado metaboliza os compostos poluentes rapidamente e, da mesma forma, é capaz de eliminá-los. Se isso não ocorre é porque estão faltando condições de depuração e os indícios podem ser de contaminação ambiental. No caso de contato direto com o petróleo, os peixes sofrem dificuldades respiratórias e de locomoção, podendo até morrer. Muitas espécies, no entanto, têm sensores que detectam o poluente e migram rapidamente para águas mais limpas.

Segundo informações da pesquisadora, a exposição dos ovos submetidos ao petróleo causam aumento da taxa de má-formação, crescimento lento, dentre outros problemas nos peixes. Já a ingestão provoca falhas hepáticas, desordens neurológicas, além de outras alterações graves.

Os peixes capturados na praia de Ponta Negra não apresentaram sinais de contaminação ambiental. Mas as condições locais são de mar aberto, com grande circulação de ventos e águas permitindo a depuração de fontes poluentes permanentemente. Essa é uma situação diferente da verificada na Baía de Guanabara, afirmou Roberta.

Ainda segundo a pesquisadora o trabalho desenvolvido utiliza uma metodologia de baixo custo para detectar a presença de contaminantes no pescado, podendo ser complementada com outras técnicas mais sofisticadas, caso seja necessário. A pesquisa iniciada em 2002, deve ser concluída em fevereiro de 2006, com lançamento de R$ 49 mil.

– Queremos apresentar resultados dessa pesquisa à sociedade, trabalhando diretamente com os pescadores e as comunidades que alimentam desse pescado. Em seguida, queremos trabalhar com outros segmentos, tratando que as questões ambientais são críticas e as águas, os animais aquáticos e, posteriormente, as pessoas que utiliza as fontes. alimentos contaminados é a nossa forma de contribuição – reforça Roberta.

O trabalho desenvolvido pela PUC-Rio também pode incentivar novas pesquisas destinadas a analisar o comportamento e destino de compostos, quando lançados no ambiente e estudar os organismos aquáticos. A expectativa é diminuir as consequências ambientais, relacionadas à qualidade do pescado pela população.

Roberta afirmou ser totalmente viável utilizar a tainha em abundância na Baía de Guanabara como indicadores. Da tainha, popularmente conhecida como, a pesquisadora afirmou que praticamente todos os dados são por [illegible] (Oliveira)

A pesquisadora Roberta Zioilli examina indícios de óleo no peixe

Recorte de imprensa que registra a pesquisa sobre a contaminação na Baía de Guanabara desenvolvida na PUC-Rio. 2005.
Acervo do Departamento de Química.

ANOTAÇÕES PARA O CURRÍCULO